

---

# *DE MEMORIA ET REMINISCENTIA AO PERTENCIMENTO AOS MEIOS ESCOLARES: A contribuição da Pesquisa Etnográfica em Educação*

*Paula Almeida de Castro*

## **INTRODUÇÃO**

Neste trabalho, apresenta-se a relevância da memória nos processos educacionais. A memória foi analisada através das descrições sobre os processos de tornar-se aluno nas diferentes etapas da escolarização. Buscou-se, ainda, as asserções teóricas com definições sobre o conceito e seus usos para a compreensão da história de vida do sujeito social.

Foram participantes dessa pesquisa dezoito alunos do sexto ano de uma escola pública e trinta e cinco alunos do 1º período de Pedagogia de uma universidade pública – ambas instituições situadas no Estado do Rio de Janeiro. Procedeu-se a coleta dos dados no período de um ano letivo, com visitas semanais – previamente agendadas. Destaca-se que os nomes e dados que pudessem identificar os sujeitos e a instituição foram alterados para atender aos preceitos éticos das pesquisas envolvendo seres humanos, sem prejuízo do processo de análise dos dados e da apresentação dos resultados.

Para a realização desse estudo utilizou-se a abordagem etnográfica e a colaboração em pesquisa. A etnografia, enquanto abordagem voltada para a apreensão do conhecimento e do entendimento do sujeito pesquisado sobre seus “fazeres diários”, tornou-se uma ferramenta importante para fazer sentido sobre a realidade estudada. A etnografia, enquanto preponderantemente derivada dos paradigmas interpretativo, ecológico e interacionista-simbólico, pode conferir à pesquisa um aparato teórico que vai além do mecanismo de fazer pesquisa, isto é, de uma metodologia científica derivada da pesquisa qualitativa.

Como instrumentos de pesquisa foram utilizados os recursos da observação participante e entrevistas etnográficas. Utilizou-se, ainda, a fotoetnografia como um recurso de coleta e análise de dados de modo criativo e em colaboração com os participantes. A utilização deste recurso consistiu em disponibilizar para os alunos câmeras fotográficas digitais para que eles pudessem registrar cenas, lugares, pessoas, espaços da escola, de suas casas, dentre outros cenários que fossem relevantes para eles. Após essa etapa as fotos foram montadas em um painel e analisadas pelos alunos que explicaram o sentido que atribuíam as mesmas.

---

Na pesquisa etnográfica e colaborativa a elaboração reflexiva se faz necessária por ambos os grupos de atores, pesquisadores e pesquisados. Enquanto doadora de sentido às atividades cotidianas, a etnografia impõe ao pesquisador uma posição de intérprete privilegiado dos sujeitos que apresentam os sentidos sobre as suas vidas. Ao participante, a etnografia propicia um distanciamento da realidade diária que muitas vezes lhe é invisível pelo caráter rotineiro das ações. Isto oportuniza a reflexividade e relativiza o sentido imediato dado a ação. Em colaboração com a pesquisadora os alunos e a professora desenvolveram, além do sentido mais frequente que já possuem sobre essas ações. Neste momento um novo sentido, mais elaborado e problematizado, é criado dando uma dimensão crítica à realidade e possibilitando a sua reelaboração significativa.

### **MEMÓRIA E PROCESSOS EDUCACIONAIS**

A memória descrita pelos alunos participantes, apresentada nos fragmentos de fala, foi entendida como um constructo social envolvendo o sujeito (eu) e seus pares (o/os outro/os). Para a definição de memória, podem ser utilizados os estudos de Aristóteles e, a partir destes, serem derivadas outras concepções, especialmente, no campo de conhecimento da História. Em síntese, Aristóteles em *De Memoria et Reminiscentia*, propõe que “não é possível lembrar o futuro, não há memória do presente, mas apenas uma senso-percepção” (2001, p. D7v). Para ele, a dimensão do presente é dada pela senso-percepção. Explica que não se pode dizer que se lembra de algo que é presente, mas que se tem a percepção do presente. Quanto ao futuro, especula-se que seja aprendido pela expectativa ou adivinhação de algo que pode vir a acontecer enquanto o passado relaciona-se com a memória. Em termos gerais, depreende-se do estudo de Aristóteles que a memória,

[...] nem é percepção nem é concepção, mas um estado ou afeição de uma dessas, condicionada pelo lapso de tempo. Como já observado, não há tal coisa como a memória do presente, enquanto presente, pois o objeto de percepção do presente é único, e no futuro é a expectativa, mas o objeto da memória é o passado. Toda a memória, portanto, implica em um tempo decorrido, conseqüentemente, apenas os animais que percebem o tempo, e os órgãos com que eles percebem o tempo, também é aquilo com o que eles se lembram (ARISTÓTELES, 2001, p. D8r).

Como dito, vão sendo construídas diferentes formas de compreensão da memória que se apresentam ao sujeito enquanto fato ou acontecimento. A história da humanidade bem como a história de vida marca a trajetória do sujeito em diferentes esferas de interação.

---

Assim como Aristóteles, Ricoeur (2007) também traz posicionamentos teóricos que contribuem para o entendimento do papel da memória para a compreensão dos processos de tornar-se aluno. O autor apresenta, em seus estudos, três modos mnemônicos, analisados a partir da obra de Edward Casey, sendo eles o *reminding* (lembrando), a *reminiscing* (reminiscência, evocação) e o *recognizing* (reconhecer). O *Reminding* termo em inglês é traduzido como lembrando, “isto me lembra aquilo, me faz pensar naquilo”. Trata-se de indicadores que visam proteger o indivíduo contra o esquecimento dos fatos. Este processo compreende dois extremos da linha divisória entre a interioridade e a exterioridade. Na interioridade a memória aparece como recordação de uma coisa por outra que lhe foi associada pela aprendizagem, enquanto que na exterioridade a memória encontra pontos exteriores para recordação em fotos, cartões, postais, agendas, recibos, lembretes (p. 55).

O processo de relembrar, rememorar ou de estar lembrando, o *Reminiscing* relaciona-se a um fenômeno marcado pela atividade de lembrar novamente e consiste em reviver o passado evocando-o através de acontecimentos ou saberes compartilhados em suas vidas em interação com várias pessoas, objetos e lugares. A lembrança que um sujeito tem serve de *reminder* para as lembranças do outro. Ricoeur (op.cit.) explica que as pessoas ao relembrarem (*reminiscing*) podem evocar as lembranças para projetar ou idealizar um futuro próximo. Um exemplo sobre o tempo dedicado às lembranças, pode ser reconhecido nas conversas do tipo “Você se lembra de..., quando... você... nós?” (p. 55-56).

Por último, apresenta-se o *Recognizing*, processo de reconhecimento ou de estar reconhecendo. Este processo remete ao enigma da lembrança enquanto presença do ausente anteriormente encontrado, que se explica por ser uma coisa reconhecida pela segunda vez e que traz graus de diferenciação e de distanciamento do passado em relação ao presente (p.56). O reconhecimento destaca certas particularidades de objetos e/ou pessoas conhecidas em um tempo anterior, ou seja, conduz a apreensão que se teve desse tempo passado para ser reconhecido no tempo atual, por exemplo, quando se fala: “Quando você falou ... lembrei-me de como era ... agora pude reconhecer”.

Parte-se desses três modos mnemônicos para chegar ao entendimento da memória em seu sentido dinâmico, de ir para trás e para frente, para situar a narrativa do sujeito no tempo e espaço. Este movimento é necessário para fazer sentido da história de vida dos sujeitos e permite, por exemplo, que ele estabeleça novos parâmetros que são validados por sua memória. Parâmetros estes que servem para explicar sobre si, para construir novos conhecimentos, dentre outras possibilidades de vivenciar a realidade objetiva. Ressalta-se sobre a memória sua relevância na aquisição de

---

estratégias de aprendizagem escolar relacionadas à capacidade dos sujeitos em reter e reproduzir conhecimentos adquiridos. Sobre esta relação Mattos (2002) destaca a importância da memória na utilização de estruturas mentais em experiências metacognitivas pelo sujeito no exercício sobre “o fazer e o pensar sobre o fazer nos processos de aprendizagem”.

Destaca-se que essa estratégia de retomada de aprendizagens indica, ainda, como a memória pode em situações rotineiras tornar o fazer mais flexível e eficaz. Exemplo disso são as situações de sala de aula em que o aluno ao memorizar um conteúdo ou um processo pedagógico o faz pela compreensão do aprender levando-o ao aprender a aprender. No contexto de sala de aula, o aluno e o professor auxiliam-se mutuamente na compreensão do como aprender o que leva a afirmação da importância do outro na compreensão do aprender. Mattos (2002) explica que o “eu” só faz sentido com o outro e na reconstrução coletiva que se faz como uma das formas de significação do eu e de seu fazer cotidiano.

Portanto, nesse estudo, há que se destacar a função dos recursos utilizados, como a entrevista e as fotografias, para acessar a memória dos alunos. Utilizaram-se as fotos registradas pelos alunos e as que eles trouxeram de casa, como forma de ilustrar algumas passagens do chamado “tempo de escola” como referência ao período que antecede o início do curso superior. Essas fotos, assim como os relatos, revelaram que a memória escolar se une, nos subsequentes anos da escolarização, a tantas outras fazendo sentido daquilo que significou, nesse estudo, o entendimento sobre como ele torna-se aluno.

Os alunos descreveram o que consideraram relevante para a compreensão dos processos de tornar-se aluno, em que são ou fizeram parte, nos diversos espaços e tempos da vida escolar. Esse fazer parte é a interlocução entre as comunidades de pertencimento e a memória coletiva que é reconstruída pelo outro. A reconstrução da memória pelo outro pôde ser observada no modo como os alunos, das diferentes etapas transicionais de escolarização, identificam suas histórias a partir do outro (eu – outro), ele e ele por ele mesmo (eu – eu) e ele e o outro (eu – outro), constituindo, pelo menos, três formas de falar de si. Isto se verifica por encontrar-se a memória, como postula Ricoeur (2007), na esteira da espacialidade como uma simetria entre espacialidade e temporalidade, utilizando o aqui e agora, bem como o eu, tu e ele, para pontuar sobre o contexto situacional entre os sujeitos da fala (p.59).

Para exemplificar estas três formas de expressar sobre si, destacou-se, durante a análise dos dados, alguns modos pelos quais os alunos explicam determinadas situações de sala de aula, sendo elas descritas abaixo.

---

1) Eu – outro: para narrar uma situação em sala de aula, a de “fazer xixi na calça”, a aluna remete-se ao constrangimento do que aconteceu com um aluno (outro) em sala de aula e se exclui da narrativa, utilizando o pronome pessoal na terceira pessoa do singular: ele. A aluna Poliana tentou demonstrar a importância de se manter em sala de aula durante a explicação do professor inclusive deixando de ir ao banheiro quando o aluno sentisse necessidade.

Teve um menino [pausa] que estudava com a gente e ele pediu para ir ao banheiro na hora que a tia estava explicando e a tia falava se não você não vai saber o dever aí ele fazia xixi na calça (Poliana)

Interessa, no fragmento acima, o modo como a aluna em sua narrativa se exclui da situação descrita e indica que a mesma ocorreu com outro aluno na sala de aula, ainda que seja natural que os alunos peçam para ir ao banheiro, conforme mencionado no capítulo anterior. Em situações dessa natureza, o aluno ao descrever sua memória de um determinado fato opta por omitir que o mesmo pode ocorrer tanto com ele (eu) quanto com os outros alunos (coletivo). Entretanto, observou-se a situação inversa quando o aluno pretende ressaltar alguma qualidade ou situação confortável para ele em sala de aula.

2) Eu – Eu: indica como o aluno refere-se a si mesmo ao indicar suas qualidades como aluno, utilizando o pronome pessoal na primeira pessoa do singular: eu. No fragmento abaixo, durante a entrevista com a aluna do 6º ano a pesquisadora solicitou que ela descrevesse o significado de ser aluna, tornar-se aluna. A aluna explica que:

Ser aluno é ser comportada como eu. Eu sou boa, né? (Janaína)

O entendimento expresso no fragmento acima é de que em se tratando de uma apreciação positiva sobre o aluno, esta aluna optou por mencionar seu bom comportamento como indicativo de que para ser uma “boa aluna” (como ela) é preciso ser comportada atendendo às normas escolares. No decorrer da entrevista a aluna menciona a bagunça em sala de aula relacionada aos demais alunos, dessa vez, excluindo-se da ação descrita e incluindo-se no coletivo da turma “*Quando a tia sai todo mundo faz bagunça*”.

3) Eu – Outro: no fragmento de fala a seguir o aluno para explicar as estratégias que utiliza para fazer os deveres em sala de aula menciona que recorre aos amigos (coletivo), utilizando expressões do tipo “a gente” e “todo mundo”. Indica ainda que a condição de não-entendimento da “matéria” é algo compartilhado com os demais alunos da turma, ou seja, nós (pronome pessoal do sujeito na primeira pessoa do plural).

---

É a tia vai passando mais matéria e que ela [professora] nem explica. *E como você faz?* É a gente olha no dos outros, ela passou uma prova que ninguém sabia aí ela disse que todo mundo ia tirar zero então (Pablo).

Com esta explicação, Pablo inclui sua condição de não-saber na ideia de eu – outro ao indicar o compartilhamento coletivo das estratégias que considerou necessárias para a compreensão sobre o que fazer e da experiência de tirar uma nota baixa ou, como no fragmento acima, de “tirar zero então”. A ênfase está em que ele (eu) não é o único aluno que vivenciou determinada situação em sala de aula, mas que esta foi igualmente compartilhada com os demais alunos (outro).

As três formas que o aluno encontra para expressar sobre si, descritas acima, foram utilizadas por eles para descrever suas memórias sobre o processo de tornar-se aluno e indicam o modo como a narrativa do sujeito é selecionada em acordo com as situações que o envolvem, isto é, ele (eu) e os outros (coletividade).

Nos estudos de Ricoeur (2007) encontra-se, ainda, a descrição de três sujeitos utilizados para a atribuição de lembrança; i) o eu, ii) os coletivos e iii) os próximos. As explicações, variando entre os três sujeitos, indicam “os jogos de distanciamento e de aproximação como um movimento dinâmico entre tornar-se próximo e sentir-se próximo” (p.141) que o sujeito mantém com os coletivos e os próximos. Para o autor a experiência do mundo, compartilhada, repousa numa comunidade, em um tempo e espaço, onde os sujeitos relacionam-se com “aquelas pessoas que contam para nós e para as quais contamos” (idem) situadas numa faixa de variação das distâncias na relação entre si e os outros. As variações de distância neste processo interativo indicam que;

[...] a proximidade seria a réplica da amizade, dessa *philia*, celebrada pelos Antigos, a meio caminho entre o indivíduo solitário e o cidadão definido pela contribuição à *politeia*, à vida e à ação da *polis* e, acrescenta que essa noção confere a “atestação de *Si mesmo com um outro* (RICOEUR, 2007, p. 142).

As narrativas de memórias escolares pelos alunos podem ser explicadas, como sugere Certeau (2009), por ser a memória apenas uma “rememoração ou chamamento pelo outro” (p. 151), enfatizando a explicação anterior de Mattos (2002) sobre a significação do eu pelo outro na utilização de estratégias metacognitivas. Certeau, explica que a memória funciona à semelhança de um piano, sendo “a memória tocada pelas circunstâncias, como o piano *ela* ‘produz’ sons ao toque das mãos” (idem). Nesse sentido, procurou-se resgatar as memórias dos alunos para identificar pistas sobre os processos de tornar-se aluno re-significando diferentes transições no percurso escolar ao se deslocarem no tempo e no espaço da escolarização.

---

A memória retomada pela narrativa dos participantes rompe com a temporalidade trazendo novos significados sobre as vivências dos alunos. Certeau (2009) explica a memória no “sentido de que designa uma presença à pluralidade dos tempos e não se limita, por conseguinte, ao passado” (p. 302). Isso significa que, agora aquela memória, ainda que contenha a mesma carga emocional, pode ser compreendida em função das experiências ligadas a outras e, assim sucessivamente.

O estudo sobre a memória, enquanto parte dos processos de pertencimento nos meios escolares, contribui para o entendimento sobre os modos como os alunos expressam, significam ou contextualizam as fotografias, as imagens e outros documentos em suas falas referindo-se ao que eles, espontaneamente escolheram, para explicar como tornaram-se alunos. A memória, descrita pelos participantes, apresentou as características e idealizações sobre os processos escolares que os conduziram à condição de alunos.

### **FRAGMENTOS DE FALA: A MEMÓRIA DOS PARTICIPANTES**

Os alunos, ao comentarem sobre seus processos de tornarem-se alunos destacaram de suas memórias as amizades, as festas, dentre outras formas de interação permeando as aprendizagens de suas trajetórias escolares. Vale ressaltar que, para compor a apresentação dos dados no formato de vinhetas etnográficas, apresentadas abaixo, privilegiou-se os fragmentos de fala em que os alunos descreviam suas memórias na forma eu – eu. A justificativa para tal escolha refere-se ao que, de fato, os alunos nomeiam para si para narrar seus processos de tornarem-se alunos.

No fragmento de fala abaixo, Eduarda, aluna do curso de Pedagogia, conta que não se recorda do que aprendeu nas aulas quanto ao conteúdo, mas indica sua lembrança quanto às interações com as pessoas, sobretudo as amizades. Ela comenta:

Quando penso na minha trajetória escolar, eu não me lembro do que aprendi em questão de matéria e aulas, mas de experiências resultantes da interação com as pessoas, e acima de tudo, amizade (Eduarda, 1º p., Pedagogia).

Sobre as relações de amizade no processo de tornar-se aluno os participantes indicam a escola como o local onde conheceram os melhores amigos e/ou namorados, participaram de festas, eventos comemorativos além de ser o espaço onde obtiveram conhecimentos.

Foi na escola que conheci vários dos meus melhores amigos, aonde os meninos com os quais namorei e aonde obtive conhecimentos – sem isso eu tenho certeza que eu não seria quem eu sou (Bruna, 1ºp., Pedagogia).

Total, os melhores amigos que eu tenho e que eu já tive eu fiz em escola e realmente são pessoas que eu mantenho muito contato que se eu não tivesse entrado em

---

determinadas escolas, se eu não tivesse ido para determinadas cidades eu não teria conhecido aquelas pessoas (Daniela, 1º p., Pedagogia).

Depreende-se dos fragmentos de fala de Eduarda, Bruna e Daniela que as memórias que guardam dos processos de tornar-se aluno estão relacionadas ao que foi possível extrair das interações escolares para além dos conteúdos das aulas. Destas interações destacam-se as amizades culminando com o processo identitário, mencionado por Bruna de que “*sem isso [...] não seria quem eu sou*”.

Sobre a amizade no ambiente escolar sabe-se que não se encerram nas explicações sobre as interações sociais, mas na possibilidade que os alunos encontram em se apoiarem mutuamente tanto pelas amizades em si quanto por outras instâncias interativas como, por exemplo, a solicitação e a obtenção de ajuda nos deveres escolares.

*Você falou antes [durante a entrevista] que “tinha professor que chegava assim e você ia perguntar alguma coisa ele [o professor] dizia ‘Ah não aprendeu isso’”, como você fazia? Ah sim eu tentava ou perguntava para algum amigo que sabia mais eu tentava entender eu me virava lá em casa também o meu irmão ele é muito inteligente então tudo eu perguntava a ele. Porque como eu sempre tive muito medo de professores então quando eu perguntava que já dava aquela bronca, eu já tinha medo ainda dava aquele esporro aí pronto eu não perguntava mais nada. Eu sempre fui muito de falar, perguntar tudo, mas eu tinha certa vergonha. Então, eu já tinha medo aí ele fazia isso me interrompia. Às vezes meu irmão até brigava em casa comigo “caramba perguntava para a sua professora” só que aí eu sempre acabava perguntando em casa ou para algum amigo aí eu virava assim (Mariana, 1º p., Pedagogia).*

A ajuda é uma forma de manifestação interativa que indica níveis de amizade entre os alunos. A dificuldade, ou não, em lidar com os deveres leva os alunos a solicitarem ajuda e, também a ajudarem uns aos outros. Em sala de aula eles buscam os amigos, colegas e em casa os irmãos, como destacou Carolina (aluna do curso de Pedagogia): – “*Até hoje. Eu recorro mais ao meu irmão. Porque meu pai e minha mãe ficaram um pouco... ultrapassados*”. Por medo, vergonha ou resistência à tarefa proposta, o aluno sente-se pouco à vontade para questionar ou tirar dúvidas quanto a uma tarefa com o seu professor. Entretanto, se é entendimento que a construção do conhecimento também é feita nas interações entre alunos e professores e entre os alunos e seus pares ocorre que ele opta pelo colega devido à proximidade e familiaridade que o par oferece para obter ajuda. A relação pautada na semelhança entre os pares aproxima os alunos uns dos outros. O modo como o aluno é atendido quando solicita atenção do professor, principalmente nos anos

---

iniciais da escolarização, pode levar a que ele se perceba menos temeroso quanto a “levar logo um fora” (como descrito pelos anos dos grupos I e II desse estudo).

O significado da ajuda relacionada às amizades, em alguns casos, possui outros significados, dependendo das escolhas que os alunos fazem. Cabe destacar que as amizades são relações que necessariamente envolvem as escolhas que os sujeitos fazem. Exemplo disso foi observado no estudo de Edwards e Bagnall (2008) no qual os alunos relatam como estabelecem seus vínculos de amizades como resultado das escolhas, tais como o envolvimento com os estudos, os tipos de diversão, os gostos, dentre outras preferências.

Tracy e Jaqueline, alunas do curso de Pedagogia, indicam que as escolhas das amizades podem tanto auxiliar na superação das dificuldades escolares como dificultar o avanço da aprendizagem. Tracy conta sobre quando começou a andar em grupo e que as “meninas não eram boas alunas”. Ela acredita que essas amizades contribuíram negativamente para a sua vida escolar. Com o mesmo enfoque, sobre a influência das amizades, Jaqueline destaca que optou na época de escola por amizades com meninos. Ela justifica que sua escolha foi baseada no fato de que as meninas estavam apenas interessadas em “maquiagem e namoro” enquanto ela considerava os meninos mais inteligentes e maduros.

Na quinta série foi quando eu comecei a andar em grupo entendeu. Porque se você anda com alguém que é bom aluno, no caso meu, quando eu andava com essas meninas na quinta série elas não eram boas alunas, eram como eu era, então não subia, não continuava, continuava naquele patamar ali (Tracy, 1º p., Pedagogia).

As meninas da minha sala não queriam nada, só queriam saber de maquiagem, de namorar e eu não. Eu gostava muito de estudar e como as meninas eram diferentes eu ficava mais do lado dos meninos. Os meninos eram mais estudiosos [...] Eu era a única menina do meio que estudava e era considerada pelas meninas também a “CDF”, no caso, *né?*! Por ter estudado e também por estar muito ao lado dos meninos. Os meninos eram muito inteligentes e eu gostava, assim... De estar perto deles. Eram diferentes, eram mais maduros os meninos também (Jaqueline, 1º p., Pedagogia).

A memória que Tracy evoca é a de que foi através das amizades que ela pode compreender o que era ser uma boa aluna em função das “pessoas com quem andava”. Tracy não se considerava uma boa aluna e o fato de ter se aproximado de alunas com as mesmas características a impedia de “continuar” permanecendo “naquele patamar”. Assim, comenta que quando percebeu essa influência das amizades optou por estabelecer vínculos que pudessem contribuir para o seu progresso na escola. A escolha quanto ao tipo de amizade foi mencionada por Jaqueline que

---

comenta a opção por “andar com os meninos” considerados por ela como “muito mais inteligentes”. Essa opção foi derivada ainda de sua percepção sobre as meninas como menos engajadas na proposta de estudar sendo chamada por elas de “CDF”.

O papel da amizade na construção da identidade e do pertencimento escolar é visto em diferentes estudos, a partir da década de 1980, como os de Bagnall, (2008) sobre o pertencimento de alunos em escolas internacionais; Delamont (1987) que analisou as interações de sala de aula; Tarrant et.al. (2006) que destacou a contribuição das amizades para a auto-estima dos alunos e Allan (1998) que explicou a amizade como uma forma das pessoas se tratarem como iguais, reconhecendo as diferenças entre elas.

Como foi descrito, na conceituação sobre a identidade e o pertencimento, para a maioria dos alunos a amizade pode ser considerada mais importante do que o desempenho escolar. Nos estudos de Bagnall (2008), os alunos comentam sobre a importância de pertencer às comunidades escolares. Nesse sentido, pertencer pode ser tão importante quanto obter bons resultados acadêmicos. Os alunos, participantes do estudo, comentaram que ao longo do processo de escolarização as amizades vão se tornando mais significativas em suas vidas, assim como a valorização das notas/conceitos, conteúdos e outras interações no âmbito escolar.

Possuir vínculos de amizade pode, ainda, contribuir para outras esferas do desenvolvimento acadêmico, individual e social dos alunos. No estudo de Tarrant et.al. (2006) os autores indicam que as amizades podem revelar experiências positivas, dentre as quais destacam-se, níveis elevados de autoestima, melhores condições de adaptação em situações de adversidade e, um certo potencial para reduzir consequências negativas como a delinquência juvenil.

No mesmo sentido, o estudo de Allan (1998) é relevante para contextualizar as relações de amizade na contemporaneidade. O autor menciona que as pessoas, desde algum tempo, encontram-se dispersas e distantes geograficamente em função das mudanças nas estruturas sociais e econômicas que levaram a longas jornadas de trabalho e deslocamentos, com maior frequência do que em outros tempos. Nesse contexto, a vizinhança representa uma pequena parcela de contatos que o sujeito mantém em contrapartida às amizades que são estabelecidas e mantidas através das redes sociais, como o Facebook, Orkut, Skype, aplicativos de troca de mensagens, dentre outras.

O uso destas redes foi mencionado pelos alunos, participantes desse estudo, como a possibilidade de resgatarem antigos contatos, bem como estar mais tempo com os amigos, como na fala de Alberto (aluno de Pedagogia) “*eu mantenho contato com o pessoal pelo Face, pelo whatsapp. É legal também porque eu encontrei amigos que eu não via há muito tempo*” e de Marisa (aluna de

---

Pedagogia) “*como eu me mudo muito, meu pai é militar, eu mantenho contato pelo whatsapp quase todos os dias com os amigos que eu fiz nas escolas que eu estudei*”. Destaca-se que a possibilidade que os alunos encontram para relembrar as amizades através das redes sociais rompe com a espacialidade e a temporalidade facilitando a evocação da memória social relativa à época em que eles costumavam estar juntos na escola. Muitas destas redes oferecem aos usuários uma ferramenta de busca através de características compartilhadas com outras pessoas, tais como: cidade natal e de moradia, idade, escolas, cursos e universidades que frequentaram, dentre um sem-número de possibilidades para encontrar usuários, inclusive, antigos amigos. Desse modo, os sujeitos constroem suas comunidades de pertencimento a partir da memória coletiva compartilhada entre os seus membros.

De maneira oposta aos estudos supracitados, Delamont (1987) oferece uma outra possibilidade para a compreensão das amizades em sala de aula. A autora explica que a união dos alunos, em grupo, possui um certo poder para mobilizar o professor (p. 89). Esse poder fica estabelecido como um estatuto do aluno na escola envolvendo ora o poder frente aos colegas ora frente aos professores (p. 93). De outra forma, no presente estudo, a amizade entre os alunos foi evocada em função da ajuda possível entre eles, se estendendo para além da escola e da sala de aula, estando também nas relações sociais mais amplas com a família e a vizinhança, em especial quando referiam-se aos momentos de lazer.

A memória das amizades compartilhada pelos participantes desse estudo é, ainda, descrita quanto aos momentos de integração e convivência proporcionados pela escola.

*Assim, tem alguma coisa da sua época de escola que você se lembra...? Ah tem várias coisas. Ah, as apresentações de trabalho, as festas que a gente fazia, até festa junina mesmo. Passeio do colégio... É, apresentação de trabalhos que a gente, tinham apresentações de coisas de Educação Física, relacionados à Educação Física, a gente fazia apresentação de dança, aí a gente ficava ensaiando vários meses assim, era muito legal porque integrava todo mundo sabe, a gente se conhecia melhor, festa junina também os alunos participavam, ajudavam a arrumar... Isso eu acho que, fazia as pessoas ficarem mais unidas. Tanto que eu lembro bastante (Luísa, 1º p., Pedagogia).*

As festas e eventos comemorativos representavam um momento de “fugir da rotina” de uma forma autorizada pela escola. Era ainda, o momento em que os alunos interagiam sentindo-se mais próximos uns dos outros formando a memória coletiva, a identidade de grupo.

---

Além das amizades, comemorações, ou seja, momentos de interação no espaço escolar, os alunos indicaram a vivência da escola como um espaço familiar que os acolhia durante grande parte dos dias letivos do ano.

Na percepção dos alunos, participantes desse estudo, a relação familiar se estendia para dentro da escola configurando-a como uma comunidade de pertencimento. A memória dos alunos indica as lembranças sobre o espaço da escola como acolhedor, oferecendo-lhes a sensação de um espaço familiar. Nesse contexto, as amizades são destacadas como integrantes do mesmo processo de conciliar o tempo na escola com relações harmoniosas e de apoio mútuo.

Os fragmentos de fala das alunas, do curso de Pedagogia, indicam os modos como a escola ofereceu a eles a sensação de relação familiar.

Acho a escola é o lugar onde a gente passa mais tempo, na nossa vida *né*. A escola foi como a família (Jussara, 1º p., Pedagogia).

*Como é que você vê assim a importância de ter estado na escola, de ter estudado? A escola não só te educa assim, é também em relação a vida... Eu acho de máxima importância porque se você, você pode ter uma educação dentro de casa, em qualquer lugar, com a sua família e tudo, mas se você não tiver aquele relacionamento, acho que até porque quando você começa na escola, é a partir dali que você tem um relacionamento maior com as pessoas, com seus amiguinhos e tal, você acaba descobrindo um monte de coisas, professor, regras... Tudo assim, você desenvolve mais, acho que se você não tiver aquela educação ali, não... Não sei, lógico, têm muitos aí que, tem gente que, não necessariamente tá na escola sempre, muitas crianças que nem têm tanto acesso, mas você percebe a diferença no próprio relacionamento com as pessoas, acho que em tudo (Mariana, 1º p., Pedagogia).*

A família a que os alunos se referiram está ligada as comunidades de pertencimento que integram os processos de tornarem-se alunos. A identidade do grupo oferece a sensação de acolhimento e proximidade que é entendida como sendo próprio das relações familiares. Ainda que o sujeito não desenvolva tais sentimentos com relação à sua família de origem ele pode transferir para as relações sociais e escolares esta sensação de acolhimento e proximidade. Jussara, menciona que é na escola o local onde passa-se a “maior parte do tempo da vida”. Andrea destaca a forma de tratamento dispensada pela escola que remetia aos mesmos cuidados observados entre pais e filhos. Mariana, por sua vez, descreve a importância tanto de ter uma “educação em casa” e que a escola complementa e amplia a possibilidade de descobrir coisas novas, amigos, professores e atendimento a regras. Esta passagem entre uma “educação de casa” para a da escola oferece indícios para pensar o processo de desenvolvimento do aluno.

---

Sabe-se que muito das experiências na escola vão se estender para outras relações vida afora. A possibilidade de estar em grupo, respeitar as individualidades assim como a coletividade, entender e cumprir normas, horários, adequar o comportamento, os modos de falar, são alguns das normas que vão sendo incorporadas ao longo da vida escolar. Esses traços integram a memória que os alunos guardam escola. Essas memórias são constantemente revividas, lembradas e reconhecidas para dar conta das adversidades que se impõe entre o sonho e a realidade ou aquilo que a escola leva a acreditar para que anos após anos permaneça-se lutando contra as situações que contingenciam as escolhas acadêmicas e profissionais dos alunos.

Os fragmentos de fala, elencados nesse trabalho, indicam as vivências positivas, o sentimento de pertencimento, pelas memórias coletivas, as interações, as amizades e o amadurecimento. Todavia, cabe um questionamento sobre o que seria o tornar-se aluno sem as formas descritas nas memórias desses alunos. Como tornar-se aluno sem a ajuda, as amizades, as comemorações e as expectativas de o amadurecimento ser acompanhado de continuidade na vida acadêmica? Como possível resposta, encontrou-se entre os participantes desse estudo, a história de vida e de aluna de Dionira (curso de Pedagogia).

As análises realizadas somadas aos resultados de outros estudos (MATTOS; CASTRO, 2005, CASTRO, 2006) e à vivência de Dionira sintetizam o modo como, ainda hoje, muitas crianças vivem fora das escolas e o que podem enfrentar quando decidem, ou não, estarem do lado de dentro dos muros da escolas. Como um retrato da realidade socioeducacional brasileira a história da aluna oferece indícios para pensar o processo de tornar-se aluno na contemporaneidade.

Dionira se descreve como uma pessoa com poucas chances de “*deixar de ser vista como um nada*”. Isto por conta das condições de pobreza em que a sua família vivia, pelo discurso da mãe ao ver o esforço da filha em ir para a escola, além das dificuldades que teve para entrar e permanecer na escola, sendo uma vítima constante da exclusão social e escolar. À época da pesquisa (2009), ela tinha 25 anos e cursava o 1º período do curso de Pedagogia, turno da manhã, e trabalhava como atendente de telemarketing no período da tarde. Contatada novamente em 2010 a aluna permanecia estudando tendo apenas se transferido para o turno da noite na tentativa de conciliar com os estágios acadêmicos, o trabalho e a frequência ao curso de Pedagogia.

Ela explicou que foi “preciso lutar com todas as forças contra os limites que a sociedade impõe”; ela representa a vida das pessoas da classe menos favorecida da sociedade brasileira considerada como pobre ou miserável. Assim, a garantia de acesso pela matrícula na escola não é indicativo de que o aluno conseguirá atingir outros patamares tanto no espaço escolar quanto fora dele. Uma das estratégias para que esse acesso autorize a sua participação no processo de

---

escolarização é o desenvolvimento da capacidade de resiliência. Os sucessivos fracassos podem ser revividos como uma chance de reverter esta situação com um novo resultado, assim como aconteceu com Dionira que somente retornou a escola aos 12 anos de idade para ser alfabetizada.

Diante das dificuldades que se apresentavam em ter que retornar a escola e trabalhar a noite, além de enfrentar a falta de estímulo da mãe, Dionira pensou que poderia fazer algo por si além das condições que eram impostas a ela. Ainda que dormisse na sala de aula, após o cumprimento dos deveres, ela resistia e continuava tentando mudar sua realidade diferente dos irmãos e de outros amigos que estavam fora da escola. Ao contrário deles, ela encontrou a compreensão, apoio e carinho que não recebia em casa. A escola foi para ela o espaço de acolhimento que a conferiam o sentimento de pertença e a possibilidade de futuro em condições mais favoráveis socioeconomicamente.

Subir mais um degrau na escola e, conseqüentemente, na condição de vida era diferente daquilo que ouvia a mãe dizer sobre o fato de que “homem vira bandido e mulher vira piranha”. Entretanto, ela insistia em tornar-se aluna. Chegar a universidade para ela representou a possibilidade de romper com o contingenciamento e visualizar meios para enfrentar as adversidades. A memória dos processos de tornar-se aluno é resgatada por Dionira como uma lembrança de que “ainda tenho muito que caminhar”. Este processo permitiu que ela pudesse identificar sua identidade de aluna e compreender o sentido da escola para pertencer a este espaço.

### **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Nesse trabalho, apresentou-se o conceito de memória para a compreensão das formas utilizadas pelos sujeitos para narrar suas histórias de aluno e de vida. A memória foi tocada, como explicou Certeau (2009), pelo compartilhamento entre os sujeitos e o pesquisador das passagens que envolveram os processos de tornar-se aluno. Isto se dá, de certa forma, pelas características da pesquisa etnográfica em buscar estar o mais próximo possível dos sujeitos, participantes do estudo. Além disso, o envolvimento dos alunos em colaborar com o estudo possibilitou um relato etnográfico contendo as experiências vividas nas diferentes etapas de transição escolar.

A descrição dos alunos sobre as suas memórias foi analisada em função do que eles elegeam para a compreensão sobre os seus processos de tornarem-se alunos. Destacou-se, das análises, como os alunos lembraram e reconheceram os significados de ter frequentado a escola, tido acesso a novas formas de aprendizagens, as amizades constituídas, superação das condições de

---

vulnerabilidade. É ainda a memória de sentir-se acolhido, frequentado e organizado festas e eventos comemorativos na escola.

Resultou das memórias eleitas, nos fragmentos de fala, a identificação do que os participantes nomeiam para si e para os outros sobre os processos de tornar-se aluno. Estes processos apresentam-se em seus múltiplos significados que não se encerram quando um sujeito deixa a escola ou finaliza o ensino superior. A memória individual e coletiva, vivenciada pelos alunos nos processos educacionais, modifica, possibilita e acompanha as escolhas que são feitas para além das salas de aula frequentadas.

## REFERÊNCIAS

- ALLAN, G. Friendship, sociology and social structure. *Journal of Social and Personal Relationships*, v. 15, n. 5, p. 685-702, 1998.
- ARISTOTLE. *De Memoria et Reminiscentia*. Disponível em: <<http://etext.virginia.edu/etcbin/toccernew2?id=AriMemo.xml&images=images/modeng&data=/texts/english/modeng/parsed&tag=public&part=all>>. Acesso em: 5 jan. 2011.
- BAGNALL, N. F. *International schools as agents for change*. New York: Nova Science, 2008.
- CASTRO, P. A. *Controlar para quê? Uma análise etnográfica do controle na interação entre professor e aluno na sala de aula*. 2006. 187 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2006.
- CERTEU, M. de. *A invenção do cotidiano: 1. Artes de fazer*. 16. ed. Petrópolis: Vozes, 2009.
- DELAMONT, S. *Interação na sala de aula*. Lisboa: Livros Horizonte, 1987.
- MATTOS, C. L. G. de. *Metacognição: aspectos psicológicos do aluno reflexivo e suas estratégias*. Rio de Janeiro: UERJ, 2002. Relatório de pesquisa.
- MATTOS, C. L. G. de, CASTRO, P. A. Análises etnográficas das imagens sobre a realidade do aluno no enfrentamento das dificuldades e desigualdades na sala de aula. In: BARBOSA, O. I. et. al. *Pesquisa em Educação: métodos, temas e linguagens*. Rio de Janeiro: DP&A, 2005. p. 103-116.
- RICOEUR, P. *A memória, a história, o esquecimento*. Campinas: Unicamp, 2007.
- TARRANT, M. et. al. Friendship group identification, multidimensional self-concept, and experience of developmental tasks in adolescence. *Journal of adolescence*, v. 29, n. 4, p. 627-640, aug. 2006.

---

## RESUMO

A memória e o pertencimento aos meios escolares nos processos de tornar-se aluno são as reflexões apresentadas, no presente texto, com a contribuição da pesquisa etnográfica em Educação. Buscou-se asserções teóricas com definições sobre o conceito de memória e seus usos para a compreensão da história de vida do sujeito social e a relação com o pertencimento na trajetória escolar. Utilizou-se a observação participante, a entrevista etnográfica e a fotoetnografia para acessar as narrativas dos participantes de duas instituições públicas situadas no Rio de Janeiro durante um ano letivo. Observou-se que a memória individual e coletiva, vivenciada pelos alunos nos processos educacionais, modifica, possibilita e acompanha as escolhas que são feitas para além das salas de aula frequentadas.

**Palavras-chave:** Memória. Pertencimento. Etnografia.

## ABSTRACT

Memory and affiliations at schools settings process of becoming a student are the reflections presented at this paper with the ethnographic research in Education approach. From the theoretical assertions with definitions about memory uses and conceptions for the comprehension of life history of social subject and the relation with the process of belonging to school paths. The participant observation, ethnographic interview and ethnographic photos were used to have access to the participant's narratives of both public institutions at Rio de Janeiro during one school year. The individual and collective memory experienced by students at educational process seems to modify, enables and carry on the choices made through the classrooms they attended.

**Keywords:** Memory. Belonging. Ethnography.

*Submetido em: outubro de 2014*  
*Aprovado em: outubro de 2014*